Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo – Ano XV – Nº 398 – Uberaba/MG – Junho/Julho/Agosto de 2017

# REVELAÇÃO Uniube

**Desigualdade de gênero**
Os desafios vão além do mercado profissional

04

**Manifestações**
O que define os Black Blocs e os movimentos estudantis no Brasil

06

**Sustentabilidade**
O respeito ao meio ambiente está em pequenos gestos

20

Foto: Renata Reis

## Os porquês do racismo e da injúria racial

issuu-downloader.com

# Vamos falar de todos?

**Júlia Campos**
*8º período de Jornalismo*

O ano era 2015. A revista Nova Escola chegou às bancas estampando na capa uma foto do jovem Romeo Clarke, um garoto inglês de cinco anos que foi expulso de um clube para crianças por usar vestidos. Em letras garrafais dizendo "Vamos falar sobre ele? ", a Nova Escola elaborou uma reportagem especial sobre o debate de gênero nas escolas.

A capa da edição foi divulgada no Facebook e, em menos de um mês, chegou a 3,3 milhões de visualizações e 2 mil comentários. Grande parte destes comentários eram agressivos contra a revista, o garoto e seus pais. "O problema da nossa sociedade é termos que aceitar um menino vestido de menina como algo normal", disse um dos internautas. Esse é apenas um pequeno retrato da realidade do nosso país.

Romeo não entra na estatística: Ele, diferente do que se pensa, não é transgênero. É apenas um garoto que gosta de vestidos. Mas o seu caso deu visibilidade a uma estatística muito maior. Só na Inglaterra, a terra de Romeo, o número de crianças, com menos de dez anos de idade, que se identificou com problemas de identidade de gênero quadriplicou nos últimos seis anos. Crianças que não chegaram sequer à puberdade, mas já sabem que o corpo que nasceram não os pertence. Dados sobre a Inglaterra, os Estados Unidos e o Canadá temos de sobra. E no Brasil? Onde estão estas crianças?

> "Milhares de crianças evadem de escolas por não serem compreendidas por seus colegas, pela direção e por si mesmas

Foto : Reprodução / Mirror

Por um lado, argumenta-se que crianças tão pequenas assim não estariam preparadas para debater gênero e orientação sexual. Diz-se, ainda, que escola não é lugar para se formar ideologias, que é um ambiente neutro. Alguns ainda argumentam que identidade de gênero não existe e que ser homossexual é pecado. Contra as leis de Deus.

Por outro, milhares de crianças evadem de escolas fundamentais e médias por não serem compreendidas por seus colegas, pela direção e tampouco por si mesmas. Enquanto se autoriza que alunos frequentem o banheiro que corresponde a sua identidade de gênero, esta mesma escola não explica o que é a tal identidade de gênero. Não explica como e o que sente alguém que nasceu no corpo errado, que corresponde ao sexo oposto que lhe foi biologicamente designado.

E aquelas crianças, as estatísticas brasileiras, estão censuradas. Escondidas. Marginalizadas. Em um país laico, onde no sistema educacional o ensino religioso ganha destaque, onde uma religião tem toda uma bancada política e o debate sobre gênero e sexualidade é tabu, não se espera algo diferente.

Mas, até quando? Até quando fingiremos que crianças não são maduras o suficiente para debater gênero, quando elas mesmas já sabem quem são?

**Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba**

**Expediente. Revelação**: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitor de Ensino Superior:** Marco Antônio Nogueira ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** Celi Camargo (DF 1942 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva, Jr. Rodran, Bruno Nakamura (ex-alunos Jornalismo/Publicidade e Propaganda) ••• **Orientadora de Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiários:** Carol Rodrigues, Daniel Carvalho, Hiago Fernandes (3º período) e Pedro Henrique Dahdah (1º período) ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br



issuu-downloader.com

# Cultura do estupro quando a vítima é a culpada

**David dos Santos**
**João Paulo Ferreira**
*4º período de Jornalismo*

O termo cultura do estupro teve sua origem em 1970, e é usado para demonstrar as formas como a sociedade culpa a vítima e normaliza as ações violentas e os responsáveis por esses atos.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), mais de cinco pessoas são estupradas por hora no Brasil. Além disso, 45.460 casos de estupro foram registrados em nosso país em 2015.

O mais preocupante, de todo esse contexto, é o fato desse crime ser altamente subnotificado. Cerca de 10% dos casos chegam ao conhecimento da polícia, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

> “Alguns casos de estupro são cometidos por agressores que não têm nenhuma patologia

Inúmeros fatores influenciam a vítima a não registrar um boletim de ocorrência, como o medo do agressor ou do aumento da violência, e, também, o receio de não acreditarem em suas palavras.

Isso ocorre, em sua maioria, devido a uma imagem formada que as pessoas têm do sujeito da agressão, como ressaltado pela psicóloga Márcia Aparecida Silva. “Alguns casos de estupro são cometidos por agressores que não têm nenhuma patologia. São homens normais, tidos como pessoas boas.”

Foto : Superinteressante

**Conforme o FBSP, são cerca de 45.460 casos de estupro no Brasil por ano e só 10% dos casos são registrados**

**Denuncie**

A importância da denúncia não é somente para que o culpado seja punido, mas, também, para que a mulher receba o acompanhamento e a ajuda devidos, perante as consequências do delito.

“As vítimas podem sofrer de transtorno de estresse pós-traumático: depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, alteração da concentração e do sono, pesadelos, aumento da vigilância, evitação da vida social, distúrbios sexuais, sentimentos de medo, sensação de solidão, vergonha, culpa, dentre outros. Esses transtornos podem ser temporários ou estenderem-se por muitos anos na vida dessas mulheres “, cita a psicóloga.

O uso de frases como “ela estava usando roupa curta” ou “ela se expôs ao perigo”, como também pensamentos e ideias desse tipo, são encontrados em inúmeras pessoas e, principalmente, nas redes sociais. Segundo os especialistas, é preciso extinguir esses comportamentos como forma de lutar contra esse crime.



issuu-downloader.com

# A desigualdade de gênero

## As diferenças vão além do mercado de trabalho e, segundo os especialistas, refletem a nossa cultura

**Hiago Nandys**
**Victor Lima**
*4º período de Jornalismo*

Faltam igualdade e políticas concretas. É o que constata a visão apresentada pela jornalista Marina Wentzel, em reportagem feita para a British Broadcasting Corporation ( BBC) Brasil.

Estudos comprovam que igualdade entre os gêneros vem evoluindo, porém, a disparidade ainda é grande. Em 2016, a estimativa é que a lacuna de desigualdade entre homens e mulheres leve 170 anos para ser preenchida no mundo. Já o Brasil, levará 95 anos para alcançar igualdade de gênero. As informações são de pesquisas do Fórum Econômico Mundial ( FEM).

O que falta para alcançar a igualdade? Se as mulheres recebessem as mesmas oportunidades e condições para trabalhar, poderiam rapidamente reequilibrar a relação de desigualdade existente no país. Segundo os dados apresentados nas pesquisas, na saúde, as brasileiras têm melhores indicadores: vivem em média cinco anos a mais que os brasileiros. A expectativa de vida feminina é de 68 anos, enquanto a masculina está em 63 anos.

Fotos : Hiago Nandys

Giselda Alves é a única motorista da empresa de ônibus de Uberaba

"Lugar de mulher é na cozinha", "Mulher no volante, é perigo constante", entre outras expressões que menosprezam a figura da mulher ainda são comuns. De onde surgiu tudo isso?

"O Brasil é colonizado por diferentes povos, mas o que predominou foi a cultura católica. Muitas condutas morais eram rigidamente vigiadas, principalmente, no caso das mulheres. A sociedade patriarcal, na esfera doméstica, o homem era o chefe da família. A mulher devia obediência e respeito mútuo, por causa da dominação ideológica e financeira do homem sobre a mulher", explica o professor de História Renato Florêncio Pavanelli Ortega.

O professor ressalta a importância do fim da desigualdade para possíveis avanços. "O respeito é a principal ferramenta para extinguir essas diferenças", reforça.

Renato salienta que, atualmente, a sociedade está muito mais complexa, exigindo maior flexibilidade em muitas questões. "Quando a mulher foi adquirindo espaço no mercado de trabalho, ela iniciou um questionamento sobre a liderança da família. Foi o primeiro passo. Porém, as diferenças de salário, voz, atenção e espaço na sociedade produzem um espaço antidemocrático", alerta o historiador.

Diante à desigualdade de gênero, as mulheres que não estão incluídas no mercado de trabalho sofrem e as que já estão trabalhando também são vitimizadas.

### Ao vivo

"Um simples detalhe que ocorre de forma errada já é motivo de sermos pichadas", relata a única motorista mulher da viação Piracicabana, Giselda Alves Filgueira, 50 anos.

Ao ser questionada sobre o seu cotidiano de trabalho, a motorista revela que,

> "Um simples detalhe que ocorre de forma errada já é motivo de sermos pichadas

em determinadas situações, precisa ser firme e ágil na resposta. "Meu dia a dia é muito complicado", afirma Giselda.

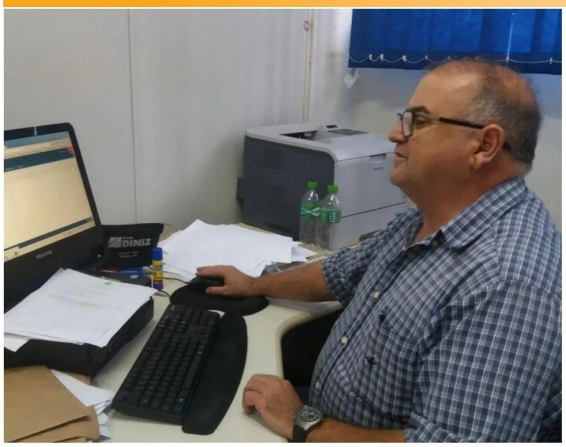
A funcionária conta que, há poucos meses, não era a única mulher na equipe de motoristas da empresa, mas passou a esta condição após o pedido de demissão de uma colega. Segundo Giselda, o período curto de permanência da mesma se deu pelas divergências do cotidiano por ser uma "mulher ao volante".

Em um ambiente onde é a única presença feminina, a motorista descreve a convivência com os colegas como tranquila. "Faço o meu serviço dentro da minha competência e do meu alto profissionalismo", conclui.

O Serviço Nacional de



issuu-downloader.com



Colaborador do Serviço Beneficiário, Júlio César Carneiro

Aprendizagem do Transporte (Sest /Senat), oferece curso de motorista profissional para mulheres. Dados de 2013 revelam que a procura aumentou 49%, se comparada ao ano interior. Em 2014, mais um salto. Cerca de 16% dos frequentadores das aulas oferecidas eram mulheres.

**Direitos e deveres**

No cumprimento dos deveres é tudo igual. E os direitos? Privilégios dados às mulheres são reflexo da desigualdade enfrentada pelo gênero. "Justificativa não tem, talvez seja porque o mercado de trabalho hoje é mais voltado para o homem, do que para mulher", afirma o chefe substituto de Serviço Beneficiário, Júlio César Carneiro, sobre as diferenças no tempo de contribuição, existentes entre os gêneros, ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

> "Justificativa não tem, talvez seja porque o mercado de trabalho hoje é mais voltado para o homem

Mulheres aposentam com 30 anos de contribuição, já o homem somente com 35 anos como contribuinte Reforma Previdenciária.

Por idade, mulheres têm direito ao benefício aos 60 anos, enquanto os homens, aos 65 anos de idade. "Não é por um problema de expectativa de vida, tanto é que as mulheres vivem mais do que homens", explica Júlio referindo-se à falta de justificativa para as diferenças nas regras para os gêneros.

As diferenças não param por aí. O chefe de serviço beneficiário estima que, em um mês, 80% dos requerimentos de pensão são feitos por mulheres. Já os 20% restantes, por homens.

**Na escola**

A desigualdade é refletida também nas escolas e até nas escolhas profissionais de ambos os gêneros.

Desigualdade de gênero ganhou atenção por ser um dos pontos mais polêmicos do Plano Nacional de Educação (PNE), que define as diretrizes da Educação nos próximos 10 anos.

Depois mais de três anos de tramitação, o PNE foi aprovado, não sem antes ter seu texto alterado na Câmara dos Deputados, trocando a especificação das desigualdades racial, regional, de gênero e orientação sexual para a "erradicação" de toda forma de discriminação.

"O problema tem que ser tratado em sua raiz", afirma o professor de Filosofia Leandro Carlos.

O docente acredita na educação como a única ferramenta para resolver o problema. O mesmo caracteriza a escola como um espaço de reprodução de tudo aquilo que é aprendido fora dali. Por isso, o diálogo se torna essencial, assim como a abordagem dos assuntos nas atividades".

A escola não pode fugir de seu papel como agente de transformação", explica o diretor e o também vice- diretor em uma escola da rede estadual em Uberaba (MG).

# S.R Mulher

A fundadora da ONG, Simone Reis, com a filha Lucimira, em evento em defesa dos direitos da mulher

Em 1999, surgiu em Uberaba Organização Não Governamental de Socorro e Readaptação da mulher (S.R Mulher), foi criada para debater políticas de gêneros.

Fundada pela advogada Simone Reis, contava com três núcleos de atendimento. O trabalho era voltado ao acolhimento, promoção de palestras educacionais, inserção no mercado de trabalho e assistência psicológica e jurídica a mulheres vítimas de agressão doméstica.

> Pautamos em atender as crianças, conscientizando da não violência, eles seriam futuros vetores sociais

"Não se falava em mulheres espancadas", conta a voluntária e filha da fundadora da ONG, Lucimira Reis.

Durante 15 anos, o trabalho buscou impactar na estrutura de machismo e violência familiar. "Pautamos em atender as crianças, os filhos das vítimas de uma forma diferente: conscientizando da não violência porque eles seriam os futuros vetores sociais", relata a voluntária sobre o atendimento realizado na ONG.

Segundo Lucimira, o projeto foi encerrado devido à falta de recursos e à perseguição política. "As coisas são assim: quando você conquista algo, tem mil querendo", explica.



issuu-downloader.com

# Desvendando as manifestações

## Dos Black Blocs à resistência estudantil nas universidades, o que há de diferente em cada ato

**Ana Riziere**
**Laila Zago**
*4º período de Jornalismo*

Foto: Arquivo Jornal do Brasil

**Black Bloc é o termo criado, em 1980, na Alemanha, para definir à tática de manifestações de rua**

Atacar pela destruição de bens materiais é uma forma de mostrar que existem variadas maneiras de fazer política. Essa é uma das vertentes utilizadas por integrantes da tática Black Bloc, uma espécie de tropa de choque anarquista de movimentos populares. Essas atitudes ajudam a entender a complexidade dos mais variados movimentos que tomaram grandes proporções no Brasil, desde junho de 2013.

Black Bloc é um termo utilizado para se referir a uma tática de manifestações de rua que tem sido desenvolvida, desde 1980, com o intuito de ir contra às ações repressivas da polícia e, um pouco depois, de atacar empresas e edificações do Estado consideradas símbolos capitalistas.

Os Black Blocs são caracterizados como um grupo de pessoas vestidas e mascaradas de preto que participa de manifestações feitas na rua.

A tática se originou na Alemanha, no início de 1980, quando militantes se juntaram para resistir à repressão policial e ganharem seus espaços de autonomia. Desde então, os militantes usam apenas preto para se "apresentar".

A notoriedade no Brasil fez com que a tática passasse a sofrer inúmeras críticas. Essa nova configuração de protestos e grupos sociais que organizam manifestações políticas na cidade de São Paulo, desde a década passada, ainda é desconhecida e incompreendida pela sociedade como um todo: políticos, policiais e, principalmente, pela população.

### Origem no Brasil

A primeira manifestação de peso, que marcou a origem das ações dos novos coletivos sociais, ocorreu em abril de 2001. Cerca de dois mil manifestantes, estudantes e muitos punks entraram em confronto com aproximadamente 100 policiais militares e transformaram a avenida Paulista em um campo de batalha. Naquela época, os protestos eram contra o Acordo de Livre Comércio das Américas (Alca).

Naquela época, os coletivos ainda tinham muita inspiração pelos movimentos anticapitalistas, que ganharam popularidade em 1998, na Itália. Se desenvolvia o movimento Ação Social dos Povos (AGP). Seattle, nos Estados Unidos, foi o local da movimentação seguinte, durante as reuniões da Organização Mundial de Comércio, seguindo para diversos países da Europa. A marca desses movimentos passou a ser a destruição de símbolos do capitalismo, como lanchonetes e lojas de roupas, por mascarados que "atacavam" em meio a nuvens de gás lacrimogêneo.

No país, esses grupos passaram também a discutir questões urbanas, relacionadas aos problemas das cidades, tendo o Movimento Passe Livre (MPL), cuja bandeira principal é o transporte coletivo, como um dos principais expoentes.

Os novos integrantes dos Black Blocks recebem treinamentos, em que são preparados para participar dos protestos. Eles aprendem de legislações penais a técnicas de primeiros socorros e doutrinação política anarquista.

### As roupas

Ativistas de preto, que protegem manifestantes em protestos, surgiram no final dos anos de 1960, na Europa para libertar-se da ganância, violência e da imensa e inumana burocracia estatal.

A vestimenta inicial utilizada por ativistas Black



issuu-downloader.com

Bloc, na Alemanha, incluía capacete de motociclista preto, máscara de esqui, roupa preta acolchoada e botas com bico de aço. Alguns iam munidos de escudos e cassetetes. Esse agrupamento social conseguiu trazer força e solidariedade aos movimentos radicais que ocorriam na Europa. No entanto, alguns anarquistas já consideravam a tática como esgotada, pois a polícia já havia superado o choque inicial de ser recebida por uma "linha de frente" dispostas ao embate físico e aos "ataques" por meio de "coquetéis molotov".

Após a reunificação alemã, os movimentos de posicionamento da contracultura começaram a entrar na mira dos crescentes movimentos neonazistas, o que lhes retirou tempo para reorganizar a tática e desenvolver alternativas a uma sociedade menos autoritária.

A ascensão da extrema-direita radical na Alemanha impôs um recuo inesperado ao movimento anarquista e a prática da tática Black Bloc na Europa. Nos Estados Unidos, desde os protestos de 1999, em Seattle, os homens de preto tem tido presença constante nas manifestações populares no país.

**Por Trás da Máscara**

Flavio Morgenstern, autor do livro "Por trás da máscara: Do passe livre aos black blocs, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil", escritor do blog Senso Incomum e analista político, mostra em seus textos que Black Bloc é uma tática de atuação política, ou seja, não se trata de um grupo caracterizado "Um grupo pode agir de uma maneira não-Black Bloc em determinado momento para, quando sentir que será vantajoso, cobrir o rosto e passar a destruir coisas. É apenas uma versão com máscara, roupas pretas, iPhone e Facebook do que Bakunin já preconizava", salienta.

O autor explica que algumas manifestações no Brasil não possuíam um discurso popular pregando uma revolução ou ruptura com a ordem e, com isso, os Black Blocs viraram uma espécie de teatro. Ele fala também que partidos políticos já se declararam oficialmente a favor dos Black Blocs, como o PSOL, mas após a morte do cinegrafista da Band, Santiago Andrade, todos os textos foram excluídos.

**Universitários contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) e Escola sem partido ocuparam o Centro Educacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) , em outubro do ano passado**

Questionado sobre a ação das mídias, Flávio resume: "Sem mídia, não há nem mesmo razão para haver manifestações".

Segundo ele, hoje, quem controla a mídia, controla toda a política. "O que os agitadores modernos fazem é simplesmente tentar criar notícias que favoreçam sua visão, inclusive como vítimas da brutalidade policial ou notícias derivadas, que, sempre que são pesquisadas a fundo, acabam se mostrando falsas ou, na melhor das hipóteses, exageradas", finaliza Flavio.

Para o autor, o povo é controlado pela mídia e a palavra democracia está cada vez mais perdendo seu sentido, pois como defender um sistema que deveria representar o povo, mas que, na verdade, o controla?

**Na terra do zebu**

Os jovens que encontramos em Uberaba, não são Black Blocs, mas integram um grupo disposto a encarar as ruas por causas que consideram nobres.

Um estudante, de 21 anos, que prefere não ser identificado, será chamado de Jorge, nesta reportagem. Ele passou a fazer parte do movimento estudantil por ser contra as medidas do atual governo e por acreditar que poderia contribuir de alguma forma. "Por mais que greve não seja algo que eu acredite muito, naquele momento, era uma maneira de fazer algo em prol do que eu acredito, ao invés de não fazer nada", disse o estudante.

Apesar de sua preocupação com o cenário político brasileiro, Jorge deixou de participar diretamente do movimento estudantil, porque, segundo ele, as pessoas não davam espaço para olhares diferentes para o mesmo fenômeno. "Sentia que havia concentração de informações num grupo de pessoas e esse é o tipo de coisa que sou absolutamente contra em manifestações", declarou.

Jorge também ficou insatisfeito porque via muitas

> "Nadamos contra a corrente o dia inteiro, todos os dias, principalmente em Uberaba, que é uma cidade extremamente conservadora e preconceituosa"



issuu-downloader.com

práticas que considerou ditatoriais e impositivas. "A militância não era genuína e o movimento tendeu a abarcar o universo ao invés de focar em pontos específicos de luta", finalizou.

Outro estudante, de 20 anos, que participa dos movimentos de resistência na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), será chamado nesta reportagem de Rafael. Ele aderiu ao movimento estudantil da UFTM porque, para ele, a situação da universidade já estava precária e ele estava incomodado.

"Quando vi o problema de escala nacional que é a Proposta de Emenda à Constituição (PEC), vi na mobilização minha única forma de tentar mudar algo em curto prazo, que não só mudasse a UFTM, mas contribuísse em âmbito nacional pra melhorar a situação", declarou o estudante que nunca tinha participado de movimentos sociais.

> "Justificativa não tem, talvez seja porque o mercado de trabalho hoje é mais voltado para o homem

**Torcendo o nariz**

Sobre as críticas que recebem, Rafael fala que elas vem de todos os lugares. "Nadamos contra a corrente o dia inteiro, todos os dias, principalmente em Uberaba, que é uma cidade extremamente conservadora e preconceituosa. Algumas críticas são só ignorantes, outras de extrema má fé", lamenta o estudante.

Quando questionado sobre a repercussão dos movimentos estudantis, ele comemora. "Já ouvimos lá dentro que estamos fazendo história", declara o estudante.

Ele reforça que parar uma universidade, por mais de um mês, não é fácil e, defende que a paralisação em si já foi um ganho.

**Outros olhares**

Estudante da UFTM, Matheus Barcelos, de 20 anos, é militante no Levante Popular da Juventude. Já participou de muitos protestos, tanto em Uberaba quanto em Brasília, e esteve presente na ocupação estudantil da UFTM.

Matheus diz estar de acordo com a tática Black Bloc, desde que a tal, seja utilizada em instituições privadas e não públicas, já que o intuito da prática não é afetar os serviços públicos, mas sim os privados. Ele acredita que a tática representa mais uma performance do que violência, pois é uma forma de mostrar e chamar a atenção contra o capitalismo e tudo o que o simboliza. "Quando o ato é pacífico, é dada só uma notinha no canto do jornal e quando eles utilizam a tática, às vezes é dada uma atenção maior ao ato".

Fotos: Arquivo Pessoal

**Matheus Barcelos e outros universitários contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) e Escola Sem Partido ocuparam o Centro Educacional da UFTM , em outubro do ano passado**

Em relação à mídia, o estudante tem uma posição clara e exata de que ela articula e manipula suas informações em benefício próprio e para seus patrocinadores. A opinião pública e a liberdade de expressão acabam ameaçadas. "A mídia é contra o estado de direito", diz Matheus.

**A atualidade**

Observando a participação do jovem em manifestações, o geógrafo e estudioso das Ciências Humanas, Renato Muniz, explica que, de modo geral, na passagem da infância para a adolescência, que é algo também impreciso em termos sociológicos, o jovem tenta encontrar seu espaço no mundo. "Ele tenta interferir e entender seu tempo e seu espaço. Ele precisa se auto afirmar enquanto pessoa, precisa testar seu poder, sua capacidade de inserção no mundo. "

Desde os anos 50, vários elementos vêm contribuindo para essa "revolução juvenil", como o Rock, a Contracultura, o pós 2ª Guerra, o movimento Hippie e inúmeros acontecimentos que vieram desde então. Essa vontade, conforme Renato, nasceu principalmente



issuu-downloader.com

quando a juventude sentiu a grande necessidade de participar ativamente da política. Países como os Estados, a França e o Brasil sentiram que isso realmente estava acontecendo quando nos anos de 1950, 1960 e 1970 a força da juventude ganhou destaque, impondo suas ideias e sua presença.

O geógrafo defende que, apesar da vontade de mudança, o jovem começou a virar objeto de mercado. "No fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, numa manifestação do cartunista Henfil: um jovem dos anos 1950 e 1960, dizendo que seria absorvido pelo consumo. Então, ele fala em "camiseta jovem", "refrigerante jovem", "música jovem" etc, de modo irônico, crítico. E foi isso o que aconteceu, o establishment, o status quo, incorporou a "revolta", a potência "jovem" e a canalizaram para o consumo".

Renato enfatiza que "pasteurizaram o movimento", ou seja, tudo virou objeto de consumo. "Até uma camiseta com a foto do Che Guevara! O mundo tomou outros rumos, não só por isso, mas a realidade mudou e a superestrutura acompanhou, mas a mística permaneceu. "

**O hoje**

A juventude atual, para Renato, tenta seguir uma nova linha de manifestação. "Vemos que algumas novas maneiras de manifestação surgiram, de acordo com que o mundo foi se modernizando. O Black Bloc não é nada mais que uma nova maneira de manifestação".

Renato defende que Black Bloc não é movimento social. "É uma mistura é um cruzamento de 'tat com galinha', expressão usada por pessoas do interior, quando não se é possível identificar o que realmente é".

Conforme o pesquisador, essa mistura acaba deixando o movimento totalmente bagunçado. "Algumas ações eram reivindicatórias, outras eram simples atos contra multinacionais, como Mcdonalds, Coca-Cola, bancos, outras eram pura festa e outras ainda eram de jovens que achavam que tinham de participar, assim como seus pais fizeram no passado, ou seja, era chegada a sua hora. Muita confusão, num momento de carência teórica e fragilidade partidária e ideológica", defende o geógrafo.

Renato Muniz ainda pondera que jovem não é categoria social consolidada, não é classe social, não é grupo político ou agrupamento antropológico. Existem diversos tipos de jovens, jovens ricos, jovens negros, jovens trabalhadores, jovens religiosos, jovens artistas e muitos outros. O importante é avaliar em qual contexto histórico ele está inserido para que seja possível analisar seu comportamento.

"O que se pode fazer, enquanto país, enquanto governo, enquanto sociedade? Abrir canais de participação, investir mais nas manifestações artísticas (teatro, literatura, música, cinema, novas mídias etc.). Observar com carinho, se possível de longe, interferindo só quando solicitados".

Ele diz que o problema é a permanência de uma visão autoritária, de uma visão maniqueísta que querem impor modelos ultrapassados, como Escola sem partido, modelitos prontos e acabados, padrões de comportamento social, sexual, artístico etc.

"Vejo com tristeza muitos jovens entrando nessa fria. Bem comportados, repetindo modelos conservadores e autoritários. Mas vejo muita gente boa, tentando romper essa lógica ultrapassada e buscando o novo. Desse movimento contraditório é que virá o futuro. Vamos observar pra que lado o vento sopra."

> "Nadamos contra a corrente o dia inteiro, todos os dias, principalmente em Uberaba, que é uma cidade extremamente conservadora e preconceituosa.

Fotos: diariodocentrodomundo.com.br

**Geógrafo Renato Muniz analisa as manifestações desde a década de 60 e defende que há uma confusão, num momento de carência teórica e fragilidade partidária e ideológica**



issuu-downloader.com

# Padre Fabiano ou apenas Tio Fafá

*Padre Fabiano dos Santos é pároco na Igreja São Geraldo Majela, no bairro Alfredo Freire. Formado em teologia, filosofia, pedagogia e música tem uma ampla bagagem de conhecimento e dedica a sua vida para espalhá-lo. Ficou muito conhecido entre as crianças, como Tio Fafá, por inserir teatro e música infantil em suas celebrações, o que também atriu os pais  e fez as missas mais interativas*

Padre Fabiano divide seu tempo entre teologia, educação e música

**Raiane Duarte**
*4º período de Jornalismo*

**Revelação:** Qual a sua história pessoal?

**Padre Fabiano dos Santos:** Minha cidade de nascimento é Ituverava, no interior de São Paulo, contudo, cresci e fui criado em São Joaquim da Barra, na época, a melhor maternidade da região estava em Ituverava no hospital São Jorge, no início da década de 80. Mas assim, minha mãe saiu de São Joaquim, fez o parto em Ituverava e voltamos para São Joaquim, então, eu me considero muito mais Joaquinense do que Ituveravense. Sou conterrâneo da Ana Maria Braga. Nascemos na mesma cidade.

**Revela:** O que te fez decidir pelo clero?

**Pe. Fabiano:** Bem, é uma longa história, ao mesmo tempo, uma curta história, história de testemunho, de exemplo, de referência. Eu cresci encantado com a minha avó sendo voluntária na igreja e eu sempre me perguntava: qual era a grande motivação no seu coração para fazer tudo que ela fazia?. Ela falava que era por causa de Jesus Cristo. Eu amava ver a minha avó, de manhã, toda quinta feira, indo buscar comunhão na igreja, visitar os doentes, rezar com eles e com os idosos e ela já não era tão jovenzinha mais.

**Revela:** E sua mãe?

**Pe. Fabiano:** Minha mãe também. Nós morávamos em um bairro muito periférico, na favela de São Joaquim, hoje o famoso Conjunto habitacional João Paulo II. Na época, nós não tínhamos igreja, não tínhamos nada, e era muito bonito ver minha mãe trabalhando a semana inteira e auxiliando, no final de semana, como voluntária de catequese, ajudando menores infratores. Isso me motivou a tomar a decisão de ser padre e ter um tempo exclusivo para evangelização.

**Revela:** Como funciona a sua rotina?

**Pe. Fabiano:** A minha rotina, além de padre sou professor. Amo educação. Minha formação é teologia, filosofia, pedagogia e música e me especializei ainda mais na área da educação. Então, divido meu tempo entre a educação e vida de evangelização, o que me deixa muito feliz.

**Revela:** Quais os problemas enfrentados na sua atual paróquia?

**Pe. Fabiano:** Há uma grande diferença entre Alfredo Freire e bairro Mercês. Estando aqui há um ano e dois meses, sinto logicamente a diferença de postura de mentalidade e, como eu sou meio camaleão, 'sai na chuva é para me molhar'. Mergulhei de cabeça, nos desafios, enfrentando aqueles que encontrei.



issuu-downloader.com

Fotos: Arquivo Pessoal

Padre Fabiano também é conhecido como Tio Padre e se prepara para o mestrado em Educação

**Revela:** Há preconceitos?

**Pe. Fabiano:** Aqui é uma realidade que ainda carrega o estigma do preconceito, da década de 80, de como foi a fundação, um bairro muito isolado, distrito industrial, o mau cheiro do frigorifico, das piadinhas e o povo foi crescendo com baixa autoestima e resgatar isso tem sido um grande desafio. O descaso político, saber que eles só aparecem aqui na época de eleição, estou sentindo isso na pele, o coronelismo, os imigrantes por causa de safra no distrito industrial, a densidade demográfica, tudo é forte. A falta de vaga nas escolas, a falta de atendimento médico decente para toda essa região que compõem um contingente muito grande de pessoas aqui.

> “Acima de todas as nossas diferenças é preciso reinar o amor e, infelizmente, não temos sabido lidar com essas coisas”

**Revela:** O que o senhor pensa sobre as lutas das classes minoritárias como, por exemplo, os LBGTs?

**Pe. Fabiano:** Eu penso que nós desaprendemos a lidar com o diferente e com as diferenças. O mundo é bonito porque ele é composto de coisas diferentes. Nós somos muitos e pensamos diferente, agimos diferente e creio que a beleza está aí. Acima de todas as nossas diferenças é preciso reinar o amor e, infelizmente, não temos sabido lidar com essas coisas. Então, quero que outro aja como eu, pense como eu, viva como eu, seja como eu e não é por ai. Penso que a igreja precisa acolher. A doutrina não vai mudar, mas a aplicação dela deve ser com misericórdia, acolhida, com imensidão. Nós rotulamos demais. Nós nos rotulamos demais. Nós esquecemos de nos curtir. A vida é única não se repete. Nós perdemos muito disso.

**Revela:** Durante as missas, qual o seu objetivo perante os fiéis?

**Pe. Fabiano:** Se tem uma coisa que tenho muito medo como padre é moralismo. Eu também sou humano e preciso a partir do humano que sou, acolher o outro humano que vem até mim. Tenho muito medo de posturas moralistas.

# **Sou negro,** na raça, no sangue e na cor

**Wendel Nascimento**
*6º período de Jornalismo*

Negro é a raiz da liberdade. Negro é a raiz da igualdade. Negro é a força, a luta o suor. O suor, que escorreu dos nossos ancestrais, que morreram nos canaviais, onde se plantava gente. A luta, que veio da opressão, da escravidão em troca de um prato de arroz com feijão. A força, que surgiu da quebra das correntes garantindo os espaços de hoje.

Ser negro é viver a vida com alegria, mesmo marcado pela dor. É se superar a cada desafio que a vida oferece. Ser negro é se orgulhar de seus traços, seu cabelo e sua cor.

O negro, traz consigo, o gingado nas cadeiras, o samba no pé e a música no coração. Ser negro é saber respeitar as diferenças e saber que todos somos irmãos.

Somos fortes guerreiros, vivemos livres, mesmo que ainda soframos com as mazelas que a história deixou. Estamos nas universidades, somos atendidos em hospitais e donos de nossos próprios negócios.

Muitos dizem que preconceito já nem existe, mas essas pessoas são as mesmas que reclamam e questionam quando recebemos cotas para estudar, quando escolhemos uma pessoa de outra raça para amar ou quando estamos numa posição de liderança. Ser negro, nos dias de hoje, é saber que o preconceito diminuiu, mas não acabou.

Ainda choramos com tanta hipocrisia e ignorância. Ainda choramos quando riem e nos chamam de escravo por estarmos em subempregos. Mas, somo fortes, somos negros.

Ser negro é saber que cada dia é uma vitória. Ser negro é semear sorrisos todos os dias.

Tenho orgulho da minha raça, da minha fé e da minha cor. Nunca vou deixar de lutar pelo meu povo.

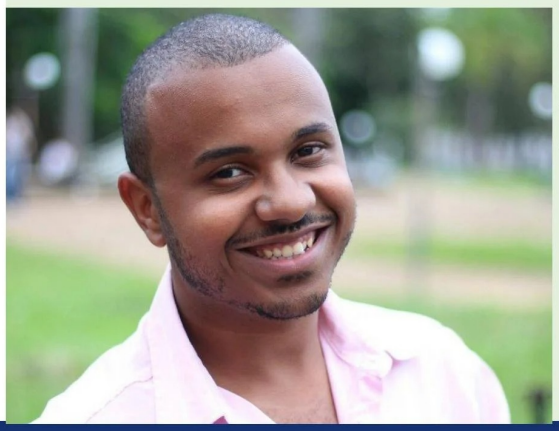


Foto: Arquivo Pessoal



issuu-downloader.com

# Os porquês do racismo e da injúria racial

## Um atinge a coletividade, o outro uma única vítima, mas ambos são igualmente devastadores

Fotos: Renata Reis

**Coletivo Afrontar-se surgiu, há cerca de dois anos, depois de uma roda de conversa do grupo Empoderação das Pretas e trabalha com a valorização dos elementos da cultura negra**

**Daniel Carvalho**
**Jair Neto**
*4º período de Jornalismo*

O racismo existe no Brasil desde o período colonial, quando os europeus encontraram dificuldades em escravizar os índios que aqui estavam. Os negros, em sua maioria vindos de regiões, onde hoje se encontram a Nigéria e a Angola, não foram poupados, servindo de escravos nos engenhos de cana-de-açúcar.

Mesmo após 128 anos da abolição da escravatura, assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, os negros ainda se veem reféns do racismo, enfrentando a desigualdade social imposta, histórica e culturalmente, pela cor da pele.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em pesquisa divulgada em 4 de dezembro de 2015, os negros (pretos e pardos) constituíam a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% do total. Assim, o Brasil é considerado o país com mais afrodescendentes fora da África. Então por que, no Brasil, o racismo e injúria racial ainda se fazem presentes e de forma tão intensa?

"Acredito que o preconceito racial ainda existe no Brasil porque nossa sociedade ainda carrega marcas da cultura europeia. Isso, desde os primórdios da colonização, infelizmente. O racismo se tornou hoje um racismo velado, um racismo estrutural. Não é mais aquele racismo escancarado, mas ele se faz presente", declara a estudante negra, Paula Karine, integrante do projeto EmpoderAção das Pretas, grupo que realiza debates e busca a igualdade racial.

Segundo Paula, para mudar essa realidade, é importante ter cuidado com a forma como o tema é abordado. "As pessoas precisam conhecer a história africana, não se limitando somente à época da escravidão. Hoje, nas escolas, aprendemos que o negro foi escravizado e que ele carrega as feridas da escravidão. O período antes da escravização não é falado", ressalta.

Ela diz, ainda, que muitos negros negam a própria identidade justamente por desconhecer a sua história.

Paula já foi discriminada pelo cabelo cacheado. "Me senti hostilizada. É uma discriminação rotineira na vida da mulher negra. Eu cheguei a alisar o meu cabelo por acreditar que estaria inserida de uma certa forma na sociedade".

Diante da discriminação, a estudante encontrou no movimento do qual participa, motivação para encarar as dificuldades. "Isso é o mais importante enquanto movimento negro. Saber lidar com a situação de racismo para não sucumbirmos a ele e, sim, que a gente reaja, buscando o seu fim. Esse é o grande intuito dos movimentos negros, buscar a equidade", reitera.

Para o professor de Antropologia da Universidade de Uberaba (Uniube), Thiago



issuu-downloader.com

Reis dos Santos, o racismo, de modo sumário, está assentado num conjunto de crenças morais e/ou pretensamente biológicas, utilizadas para justificar a superioridade de uns em detrimento de outros. "A Antropologia pode nos ajudar a desvendar os mecanismos presentes no processo de hierarquização que, na verdade, só servem de pretexto para o exercício da opressão política, econômica e mesmo religiosa", argumentou.

**Cotas**

O especialista também aborda outro tema polêmico: a política de cotas raciais. Thiago é enfático ao declarar que se trata de um instrumento válido para tentar corrigir o que ele considera uma das "enormes distorções que ainda perduram em nossa sociedade".

Segundo ele, não se pode dizer que as cotas colocam os negros em posição de inferioridade com relação aos brancos. "Diante de todos os privilégios que a população branca possui, trata-se de dar oportunidades àqueles que estiveram excluídos desde há muito dos processos emancipatórios da sociedade, isto é, de dinamizar o seu acesso aos direitos fundamentais", pontua.

Questionado sobre a dificuldade que algumas pessoas negras encontram em se declararem como tais, Thiago afirma que isso acontece quando essas mesmas pessoas, tentam, de alguma forma, evitar o sofrimento perante os processos de submissão aos quais estão expostas. "O problema é que isso só faz reafirmar os preconceitos já sofridos, já que o oprimido acaba por assimilar e incorporar o discurso do opressor" afirma.

**Injúria racial**

Além do racismo, outro problema social, não menos importante de ser debatido, é a injúria racial. Ela acontece quando o indivíduo ofende a dignidade ou o decoro de outro utilizando elementos de 'raça', cor, etnia, religião, condições de pessoas idosas e portadores de deficiência. Nesse caso, o único atingido é a vítima, diferentemente do racismo, que atinge a coletividade.

O tema da injúria ganhou destaque quando pessoas famosas sofreram ataques em redes sociais. O mais recente deles aconteceu no início de novembro, com a filha adotiva do ator global Bruno Gagliasso. Uma fã, por uma rede social, proferiu comentário racista se referindo a uma foto em que a atriz e esposa do ator, Giovanna Ewbank, havia postado da família. "Você e seu marido até que combinam, mas a criança que vocês adotaram não combinou muito, porque ela é pretinha e lugar de preto é na África". O episódio gerou grande repercussão e o ator registrou queixa na polícia.

> "Você e seu marido combinam, mas a criança que adotaram não, porque ela é pretinha"

De acordo com o advogado Wesley Ferreira de Andrade, o crime de racismo é inafiançável e imprescritível, previsto na Lei n. 7.716/1989. Nesse caso, cabe ao Ministério Público a legitimidade para processar o ofensor e determinar sua pena. Já a injúria racial está prevista no artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal, que estabelece a pena de reclusão de um a três anos e multa, além da pena correspondente à violência, para quem cometê-la.

Uniube

issuu-downloader.com

# A pérola negra do Jornalismo

*Nome forte no radiojornalismo uberabense, Élvia Moraes, é, como ela mesma gosta de dizer, uma eterna apaixonada pela profissão que escolheu. Dona de palavras firmes e um olhar decidido, Élvia não tem medo de dizer a verdade e tem como pilar duas palavras essenciais: respeito e responsabilidade*

**Raphael Geraci**
*8º período de Jornalismo*

**Jornal Revelação:** Quem é Élvia Moraes?

**Élvia Morais:** Uma mulher em busca de desafios. Sou como qualquer outro jornalista, que enxerga no dia a dia da profissão, uma capacidade forte de construir um amanhã melhor. O jornalista, que não é instigante, aquele que não procura fazer trabalhos que sejam pautados a evidenciar a comunidade em que vive, criar um canal de reflexão, estabelecer um elo com a sociedade de respeito, de questionamento, é um jornalista que está fadado ao esquecimento. Não tem essência, não tem consistência. Quando ouvimos dizer que algum jornalista é uma pedra no sapato, pode ter certeza de que se trata de um bom jornalista.

> "Há uma grande diferença entre ser apenas comunicador e ser realmente jornalista. E há muita gente aí misturando caldeirões"

**Revela:** Quando se descobriu jornalista?

**Élvia:** Desde pequena, sempre fui fascinada pelo rádio. Tinha fascínio pelas radionovelas. Minha mãe dizia que era a única hora em que eu ficava quieta, se tratando de uma criança realmente espoleta. Eu tive quatro irmãos que trabalhavam em rádios, e quando eu ia aos estúdios ficava fascinada com aquilo e pensava que era realmente o que queria fazer quando crescer.

**Revela:** Mas quando foi o auge?

**Élvia:** Acho que o auge ocorreu quando em uma dessas visitas, a locutora do programa me entrevistou ao vivo, com seis anos de idade. Naquele momento eu me senti uma princesa. Eu me senti capaz. Pois todo o ser humano gosta de se sentir capaz. E desde então eu não perdi mais aquele foco, não tirei o pé da rádio. E fui alertada sempre para os riscos e perigos da profissão. Aprendi com o tempo que Jornalismo não é vestir um belo tallier e ir à frente de uma câmera falar com pessoas. Não é sentar atrás de um microfone e provocar confusão com meia dúzia de palavras. Jornalismo é muito mais que isso. É credibilidade, informação e mensagem.

**Revela:** Quais seus caminhos até o rádio?

**Élvia:** Passei por grandes emissoras de televisão. Depois de dois anos de formada, comecei a trabalhar na extinta TV Triângulo, que depois se transformou em TV Jaguara, TV Ideal e hoje, TV Integração. Também, depois que fui para a capital estadual, trabalhei na Rede Bandeirantes, na TV Alterosa, na Rede Minas e na Rede Record. Na parte impressa, passei pelo tradicional Jornal da Manhã e hoje estou na Rádio Sete Colinas. Digamos que me encontrei no rádio, pois o rádio é instantâneo, tanto quanto a televisão ou até mesmo a internet. A pessoa ouve rádio de graça, em aparelhos celulares, indo ao trabalho por exemplo. Isso é o que me fascina. Quando eu me sento ao microfone, a mesma princesa de seis anos de idade ressurge.

**Revela:** Você tem medo de polêmicas?

**Élvia:** Não, nunca. De polêmica nenhuma. Pelo contrário, até gosto. Eu me sentindo segura para tal, adoro estar no olho do furacão. E outro ponto que avalio é se vale a pena estar nesse olho, principalmente quando você passa uma informação que é de valor e interesse para a comunidade. Porém há muita diferença entre ser jornalista e gostar de fazer polêmicas, sensacionalismo. Pois há pessoas que

Foto: Arquivo Rádio Sete Colinas

**Élvia atualmente trabalha no Sistema Sete Colinas de Jornalismo**



issuu-downloader.com

> Nos bastidores, muitos se referiam a mim como 'aquela negrinha'. O racismo sempre existiu e vai existir com máscaras diferentes

se sentam à frente de um microfone, sem nenhuma responsabilidade pelo que fazem. Acabam por denegrir a imagem do outro, desrespeitar. Há uma grande diferença entre ser apenas comunicador e ser realmente jornalista. E há muita gente aí misturando caldeirões.

**Revela:** E a questão do preconceito? Já foi vítima?

**Élvia:** Já sim. Nos bastidores, muitos se referiam e se referem a mim como 'aquela negrinha'. Em um episódio bem recente até, envolvendo pessoas ligadas ao governo do ex-prefeito Anderson Adauto, referiram-se a mim dentro do gabinete da prefeitura como negrinha recém-saída da favela, que só porque estudou um pouco mais tinha virado gente na vida. Mas isso não me abala, pois eu já imaginava que ia passar por isso. Bem, quando acontecem esses episódios, você tem claramente a noção de que o racismo sempre existiu e sempre vai existir, com máscaras e jeitos diferentes. A sua raça, sua cor, não são a sua carteira de identidade. Ela é a sua etnia, ela não externa que você é mais ou menos capaz. Mostra apenas que você vem de um dado grupo étnico. Somos todos humanos e iguais, o sol continua nascendo para todos. A sombra, para quem a procura.

**Revela:** Há alguma experiência que tenha te marcado bastante no rádio?

**Élvia:** Bem, no rádio em especial me marcou uma experiência que eu tive com ex-prefeito de Uberaba, Anderson Adauto. Eu e o Edson Santana, chefe de jornalismo da rádio Sete Colinas, estávamos no ar e um empresário ligou pedindo que a reportagem prestasse atenção no desabastecimento do supermercado Carrefour. E a mesma pessoa me ligou em seguida dizendo que fontes fidedignas afirmaram que a empresa iria fechar as portas em Uberaba. Nisso, o prefeito estava viajando internacionalmente e convocou uma coletiva assim que retornou. Quando eu o questionei sobre o assunto, ele me respondeu da seguinte forma: 'Se eu que sou o prefeito de Uberaba não sei, você que é uma reles repórter não há de saber.'

**Revela:** Como você reagiu a essa provocação?

**Élvia:** Eu passei pelo riso dos colegas que lá estavam, passei pelo riso dos convidados e não me abalei, pois eu sabia que havia algo errado. Então, liguei novamente para algumas fontes, pois eu realmente constatei que o Carrefour Uberaba estava com problemas. Liguei para a assessora de imprensa do grupo e pedi um esclarecimento por parte deles, para não ter que ir diretamente ao encontro dos acionistas do grupo. Logo em seguida ,a assessoria me mandou uma nota em que o grupo passava por dificuldades financeiras, e que a loja de Uberaba seria transformada em atacadão para que ela não fechasse as portas diretamente.

**Revela:** Quer dizer que você tinha razão?

**Élvia:** Quando essas informações chegaram à mídia, o tratamento de todos mudou. E em outra coletiva com o prefeito, eu o confrontei dizendo: 'O senhor viu que a reles repórter passou uma informação que o senhor não valorizou? O grupo que o senhor tanto lutou e pagou muito dinheiro está indo embora. E o que o senhor pretende fazer?'. Ele se irritou com isso e chegou a pedir que sua assessora me conduzisse para fora dali. Disse que não iria sair, pois eu fui convidada e a prefeitura é um prédio de todo o uberabense. Não se dando por satisfeito, o ex-prefeito ligou na rádio Sete Colinas e pediu para o Sr. Fued, dono da rádio, minha demissão imediata caso eu não saísse da coletiva.

**Revela:** E qual a reação dele?

**Élvia:** Ele disse o contrário: se eu saísse do local, aí sim eu teria minha demissão. Lembro-me que falou: 'Élvia, você tem que ter postura pra que possamos mostrar ao prefeito que a emissora tem sim, direção. Não é ele quem manda por ser prefeito'. A situação ocorreu tão discretamente no dia, que ninguém percebeu nada. Logo depois, entrei em contato com a delegada do sindicato dos jornalistas na época, Gê Alves, que dedicou uma coluna toda a esse respeito e isso caiu como uma bomba dentro de Uberaba. Ganhei crônicas, manifesto e respeito de muitas pessoas da sociedade. Quando acontecem essas coisas, você tem a exata dimensão profissional da abrangência do seu trabalho. Aquele e-mail, aquela carta, aquele abraço na rua, tudo isso contou.

**Revela:** Esse fato te marcou?

**Élvia:** Sim e serve de exemplo pelo fato de que o jornalista precisa sustentar a informação que ele fornece. Se eu abri a boca para dizer que o Carrefour iria fechar, teria que arcar até o fim com essa informação. Teria que provar ao meu ouvinte que aquilo era uma verdade. Porém você não imagina o que é bater de frente com uma pessoa que tem a caneta na mão. Ele chegou a se referir a minha pessoa como "A jornalista fracassada". Eu lidava com tudo isso com um sorriso, pois as pessoas que fazem isso tentam te inflamar e provocar reações prejudiciais a sua carreira. Um sorriso é enigmático. Não diz nem que sim, nem que não. O jornalista aprende algo novo todos os dias.

**Revela:** O que o bom jornalista deve ter?

**Élvia:** Força de vontade, garra, leitura e não esquecer os dois R's: Respeito por si próprio e respeito pelo outro. As palavras tem o dom fantástico: você faz resuscitar o doente e matar o vivo. Com o poder de suas palavras, você constrói e você destrói. Use com sabedoria essa violenta arma que remove montanhas. Faça Jornalismo com respeito e responsabilidade. Duas coisas que nunca devem sair do coração de um jornalista.



issuu-downloader.com

# Síndrome de Burnout afeta milhões de profissionais

**Luan Costa**
**Raiane Duarte**
*4º período de Jornalismo*

A síndrome de Burnout, também conhecida como síndrome do esgotamento ou estresse profissional, é uma doença causada pela pressão e pelos problemas do ambiente de trabalho. Do inglês "burn" queimar e "out" fora, ela é traduzida como consumir-se de dentro para fora, metaforicamente falando, queimar-se pela exaustão. O termo foi trabalhado pela primeira vez pelo psicólogo Herbert J. Freudenberger, em Staff burn-out, conforme o Journal of Social Issues, datado de 1974.

> "Ninguém questiona as condições de que te impõe o sistema social. Parece que é a pessoa que adoeceu e não o sistema

A vida de uma pessoa que passa por uma crise ou um episódio é afetada por variados sintomas, indo de uma simples doença psicossomática até mesmo a sintomas mais severos.

De acordo com o professor de Psicologia da Universidade de Uberaba (Uniube) e psicólogo clínico, Gregório Kazi, o diagnóstico clínico da doença ocorre por meio de um acompanhamento de certos indícios: taquicardia, variação da pressão arterial, variação da glicemia, podendo gerar diabetes, variação cardiovascular, tudo isso sem um motivo orgânico aparente.

Também estão inclusas a insônia ou sonolência contínua, uma variabilidade de humor, formas depressivas, alterações de humor, manias, aceleração ou desaceleração.

Ambientes de alta pressão, lugares que exigem o manuseio de objetos de alta periculosidade, rotinas duras, locais onde a convivência não é muito favorável e até mesmo o ambiente da própria casa podem desencadear esse tipo de problema.

Foto: Huffpostbrasil.com

**Professores que sofrem com a síndrome podem ficar afastado para tratamento por até um ano**

**Como se tratar**

Em relação aos tratamentos, há inúmeros. Mas, de forma costumeira, as pessoas que passam por Burnout são encaminhadas a uma equipe de saúde mental, para tratamento psiquiátrico e, depois, encaminhadas para psicoterapia.

Em alguns casos, para a laborterapia, que são serviços geralmente oferecidos em Centros de Atenção Psicossocial (Caps). HÁ tratamentos alternativos, de acordo com as singularidades subjetivas do paciente.

A Síndrome de Burnout não tem um tipo de medicação especifica. Nela são usados medicamentos apenas para melhorar os efeitos e não as causas.

**Estilo de vida**

Kazi explica que o estilo de vida de uma pessoa está diretamente ligado ao estresse do Burnout, por isso, é necessária uma mudança de hábitos aliadas a uma terapia.

"Para evitar uma possível crise de estresse profissional, a melhor forma é trabalhar em um ofício que lhe causa sensações de não estar em um trabalho alienado. Mas, a grosso modo, o conselho aqui é fazer o que realmente gosta e que lhe dê um retorno favorável também", salienta.

Todo profissional que é exposto a alto grau de risco em suas relações com o trabalho pode estar predisposto à síndrome.

O especialista salienta que é muito comum profissionais como professores (educadores), policiais, bombeiros, enfermeiros plantonistas, médicos plantonistas, posições que



issuu-downloader.com

Foto: Arquivo Uberaba Popular

**Presidente do Sinpro, Marcos Gennari, denuncia a jornada de trabalho**

colocam o indivíduo em situações de liderança desenvolverem a síndrome.

"Todo o sofrimento de um sintoma Burnout pode vir do grau de pressão investido sobre a pessoa. Às vezes, pessoas que se irritam muito fácil são mais propensas a sofrer um ataque de raiva. Ou também pessoas que têm dificuldade para trabalhar em situações de pressão ou extrema cobrança", diz Kazi.

**O contemporâneo**

Pleno século XXI e todos devem exercer uma função na sociedade, um trabalho que gere lucros para uma empresa e que dê um retorno financeiro para a própria sobrevivência. A pressão e obrigação de se manter em um emprego, muitas vezes robotizado e estressante, acaba sendo uma realidade de quem precisa assegurar o fechamento das contas no final do mês.

Às vezes a saúde e o lazer são deixados de lado, devido à centralização do trabalho. Os problemas do serviço são levados para casa, aumentando a situação de estresse por horas após o fim da jornada salarial. Dessa forma, a profissão afeta desde a vida pessoal até o bem-estar físico e emocional do indivíduo que desenvolve o Burnout.

"É meio complexa a questão do Burnout. Ninguém questiona as condições de vida que te impõem o sistema social em que vivemos. Parece que o problema é a pessoa que adoeceu e não o sistema social. O capitalismo é feroz. Às vezes, faz com que as pessoas tenham até três empregos. É individual ou é a loucura social, chamada normalidade, que produz essa patologia?"

**A síndrome nas escolas**

De acordo com o diretor do Sindicado dos Professores do Ensino Particular (Sinpro), Marcos Gennari, a síndrome de Burnout é recorrente na profissão. "Você percebe um nível de estresse muito grande, principalmente nas séries iniciais, sendo um pouco amenizado no Ensino Médio e no ensino superior. Não quer dizer que não exista, mas é um nível muito menor. "

Além disso, um grande problema com a área é a desvalorização. "Temos professores que lutam para sua sobrevivência, trabalhando as vezes até nos três turnos. São mais que 60 horas semanais, fora o que a pessoa faz em casa."

Outra realidade analisada por Gennari é o ensino online. "Algumas condições são desumanas. Tem professores da rede privada, que dão aulas à distância, que, às vezes, acompanham cinco mil alunos, em determinado componente curricular, ou seja, não tem como garantir um real acompanhamento do desenvolvimento desse jovem e o desgaste do professor é gigantesco."

O estresse do professor é causado também, segundo o sindicalista, por cobrança e subordinação "Você tem o dono da instituição, que exige desse professor, o pai do aluno, que trata o professor como se fosse seu empregado, muitas vezes, o próprio aluno. Também tem o intermediário, que age na instituição como gestor, diretor ou coordenador geral", explica.

Ser professor, hoje em dia, envolve um trabalho psicológico, físico e emocional muito intenso. Os docentes têm um papel muito importante e desafiador num mundo cada vez mais tecnológico. O sindicalista reforça que ps professores se viram na obrigação de se adequar ao que é necessário para sobreviver a didática imposta. "Nossa didática ainda está no século passado. Imagine que um professor com 50 anos não tem experiência com tecnologia. Às vezes, nem tem celular com acesso à *Internet* e, em contrapartida, uma criança de seis anos já é totalmente informatizada. "

A profissão exige, acima de tudo, muito controle e equilíbrio emocional, principalmente com séries de nível de menor maturidade, em que o professor é literalmente educador. Período em que a criança ou jovem passar mais tempo no ambiente escolar, do que em casa ou em alguma ocupação.

> "Algumas condições são desumanas. Tem professores que acompanham até cinco mil alunos, em determinado componente curricular"

**Legislação**

As leis à cerca do problema auxiliam em caso de comprometimento. "O profissional fica assegurado, por um período de até 12 meses em casa, caso seja constatado um agravamento do estado de saúde e a impossibilidade de ministrar aulas. É o período para um tratamento que possa reverter esse problema".

Visto a seriedade do que é a síndrome de Burnout e seus danos, o Sinpro realiza palestras, distribui cartilhas e promove reuniões sobre o assunto para dar visibilidade ao tema. "Fazemos ações de prevenção e vamos firmar ainda mais parcerias com a Secretária de Saúde para diminuir a incidência de qualquer tipo de problema com educadores. Pretendemos realizar palestras, seminários e tudo que for possível para que alerte a comunidade dos professores".



issuu-downloader.com

# Fitoterapia e homeopatia
## entenda as diferenças

**Luiz Gustavo Rezende**
**Mariana Gomes**
*4º período de Jornalismo*

A medicina alternativa ganha cada vez mais espaço na vida dos brasileiros. Dia após dia, aumenta o número de pessoas que busca a cura por terapias naturais, seja pela menor agressividade dos compostos ou por indicação de profissionais.

As mais conhecidas técnicas alternativas são a homeopatia e a fitoterapia. Ambas possuem como base matérias-primas naturais e, por isso, são confundidas.

> "O chá é fraquinho. Já o remédio fica pelo menos dois meses na garrafada de vinho branco, com as raízes de molho

Foto: labdoor.com.br

**No Brasil, qualquer vegetal que tenha dados de segurança e eficácia pode ter registro solicitado**

A fitoterapia não se sabe ao certo quando surgiu, afinal, cada povo desenvolveu maneiras próprias de tratar e curar as doenças.

Na China, o imperador Cho-Chin-Kei, três mil anos antes de Cristo, descreveu as propriedades da cânfora e do ginseng, dando início a uma série de descobertas, que passaram a ser catalogadas a partir de então.

De origem grega, o termo phito quer dizer plantas e therapia, tratamento. Juntas formam a palavra fitoterapia. Este método de tratar enfermidades utiliza-se de preparações de diferentes partes da planta, como raiz, casca, flores ou folhas, sendo o chá a mais utilizada.

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), só recebem a classificação de fitoterápicos os medicamentos que só empregam matérias-primas vegetais.

Edilberto Lopes Junior tem 39 anos e há 15 trabalha no ramo farmacêutico de Delta, interior de Minas Gerais. Proprietário de duas farmácias, ele explica que os medicamentos alopáticos têm boa saída em função dos efeitos rápidos, mas informa que, os poucos, medicamentos fitoterápicos comercializados como "calmantes naturais" conquistam espaço.

**Regulamentação**

Atualmente, existem produtos e medicamentos fitoterápicos. De acordo com a Anvisa, o medicamento deve passar por todos os estudos clínicos e deve ser testado, padronizadamente, pelos humanos. Já o produto deve possuir um histórico de utilização seguro por mais de 30 anos por humanos. O medicamento, então, é registrado e o produto é reconhecido por seu uso seguro.

No Brasil, não há restrição com relação ao registro das plantas. Qualquer vegetal que tenha dados de segurança, eficácia e qualidade pode ter seu registro solicitado.

Adair Rezende dos Santos está com 66 anos e conhece bem raízes, folhas e chás naturais.

No dia desta reportagem, ela nos recebeu com um tradicional cafezinho e foi logo se gabando dos xaropes, chás e garrafadas que produz: "Cana de macaco, salsa do paredão, bálsamo, alecrim, arnica, confrei, erva cidreira...".

Ela mostrava no sítio as plantas que, segundo ela,



issuu-downloader.com

tem poder de curar. "Esse é o artemijo, próprio para cólica de menstruação. Esse é um porrete. O povo vem direto buscar", conta.

Entre idas e vindas ao redor das plantas, pergunto sobre os perigos das ervas medicinais. Ela revela nunca ter tido problemas relacionados às receitas. "Não, não, não, não... O chá é fraquinho. Já o remédio fica pelo menos dois meses na garrafada de vinho branco, com as raízes de molho. Aí, quando você for receitar, tem que receitar uma dose menor, porque fica muito forte. Fica curtido."

**Riscos da fitoterapia**

Apesar da raizeira nunca ter passado por imprevistos, os perigos existem e são reconhecidos. Os fitoterápicos seguem as mesmas regras que outros medicamentos na Anvisa.

> "O tratamento é realizado buscando as causas do desequilíbrio, enquanto, na fitoterapia, apenas o sintoma apresentado que é tratado

Assim, os que são para doenças de mais alta gravidade também precisam de prescrição e acompanhamento médico.

Tiago Tavares também é farmacêutico e trabalha há sete anos no ramo. "Os fitoterápicos ainda não saem muito, infelizmente, mas acredito que pode mudar porque o pessoal está se alimentando melhor agora e essa tendência pode chegar aos medicamentos".

Conforme dados da Anvisa, o último levantamento de fitoterápicos registrado foi realizado em 2011. Na época, havia 382 medicamentos, sendo 357 medicamentos fitoterápicos simples, ou seja, com apenas uma espécie vegetal empregada como ativo. Os outros 25 compostos englobam mais de uma espécie vegetal na sua composição.

Na última cartilha de orientações, o órgão permitiu que esses medicamentos possam ser utilizados de forma auxiliar ou complementar ao tratamento com um medicamento de origem sintética.

**A origem da homeopatia**

A homeopatia nasceu de estudos do médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann. Foi ele que, em 1976, fez a primeira publicação sobre *simila similibus curantur*. Traduzindo para o português: "semelhante pelo semelhante, se cura". Para isso, utiliza-se de elementos do tipo vegetal, animal e mineral.

Sérgio Eli Vieira, proprietário de uma farmácia em de Igarapava, interior de São Paulo, utiliza a cebola como exemplo da cura pela semelhança. "O *allium cepa*, que é a cebola, é um medicamento homeopático usado para combater a gripe chorona", explica.

No Brasil, o Instituto Homeopático do Brasil foi fundado em 1843. Contudo, a ciência somente foi reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina em 1980, sendo necessários mais dez anos para que ela começasse a constar no Conselho de Especialidades Médicas da Associação Médica Brasileira. Foi somente naquele ano que a homeopatia deixou de ser considerada terapia. No Sistema Único de Saúde (SUS), é utilizada para o tratamento de crianças e adultos, desde 2006.

Tatiana Reis Vieira é especialista em Botânica e ministra aulas na Universidade de Uberaba (Uniube). Ela explica que, na homeopatia, considera-se a doença como a expressão de um desequilíbrio. "O tratamento é realizado buscando as causas do desequilíbrio, enquanto, na fitoterapia, apenas o sintoma apresentado que é tratado".

Foto: i-cuidebemdevoce.com.br

**Samuel Hahnemann é considerado o pai da Homeopatia mundial**

Os medicamentos homeopáticos são feitos a partir de preparações básicas das substâncias que recebem o nome de tinturas-mãe. A partir delas são feitas diluições sucessivas e testes em humanos. Hahnemann verificou que, quanto mais diluía os medicamentos, menores eram as reações indesejadas. Constatou ainda que, ao fazer diluições sucessivas das substâncias e agitá-las várias vezes, obtinha resultados mais satisfatórios. Assim, ele chegou às doses mínimas. Desta maneira, a toxicidade das substâncias é atenuada e o potencial curativo é aumentado.

**Afinidade com sintomas**

Tânia Parreira Severino é adepta da homeopatia. Já fez diversos tratamentos e obteve resultados variados. "Em alguns momentos, os medicamentos me ajudaram muito. Em outros, as doses eram tão pequenas, que eu não senti efeito algum", relata.

As consultas com médicos homeopatas também são diferentes das comuns. "Elas são mais demoradas e detalhadas, já que é preciso que o médico tenha afinidade com o paciente e seus sintomas. É analisada a individualidade de cada paciente e não somente a doença que possui", explica Tânia.



issuu-downloader.com

# Sustentabilidade é respeito ao meio ambiente

**Bruna Barbosa**
**Lívia Mara**
*4º período de Jornalismo*

Você já ouviu falar sobre sustentabilidade? Sabe a importância? Muita gente não têm ideia dos impactos dos maus hábitos da vida moderna. A falta de conhecimento sobre assunto impede de adquirir diversas maneiras de preservar o mundo.

Mas como e por onde começar? Primeiro, é preciso saber o verdadeiro significado de ser politicamente correto em relação ao meio ambiente.

É simples: não esgotar os recursos da natureza, tratar o meio ambiente com respeito, haver um equilíbrio entre o que retiramos da natureza e o que oferecemos em troca.

Depois de conceituar, deve-se partir para a ação, utilizar com responsabilidade os recursos naturais que o ecossistema fornece.

A sustentabilidade pode ser praticada no dia a dia, de maneira fácil e rápida. A prática inclui a separação de lixos para a reciclagem; andar a pé sempre que puder; fazer o essencial de comida para que não haja desperdício, trocar as lâmpadas comuns pelas de led, enfim, fazer o possível para um mundo melhor.

**Bom exemplo**

A dona de casa Durvalina Pereira, ao longo de seus 76 anos, não deixa de se preocupar com a importância de cuidar do mundo. "Semanalmente, faço minha coleta seletiva, procuro sempre economizar água, troquei minhas lâmpadas por todas de led para não gastar tanta energia. Sempre faço minhas compras de supermercado a pé, usando sempre sacolinhas recicláveis", conta ela.

Durvalina percebeu que fazer sua parte mesmo que, com poucas ações, ainda assim, vale a pena! Aprendeu que não é uma opção e sim uma escolha de vida. "É a única coisa que eu posso fazer para ajudar o meio ambiente e para a economia de gastos", conclui a dona de casa.

Fotos: Arquivo Pessoal

**Cooperativa de Ituverava, no interior de São Paulo, foi fundada com propósito de reciclagem**

A sustentabilidade vem ganhando seu espaço aos poucos, mas isso não é suficiente. De acordo com a especialista Regina Eni de Almeida Pereira, bióloga formada na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), de Rio Claro, a conscientização deve começar a partir das escolas, ensinando as crianças a respeitar o seu planeta.

"Deve ter uma conscientização nas escolas, junto com as crianças, pois a conscientização é contínua, nunca pode parar. Muitos falam que é o papel do governo, eu acho que seja também! Mas não só deles. Quem tem a informação passa a ter a obrigação de passar para a comunidade, tanto a parte governamental, quanto na parte das biodiversidades.", alerta a especialista Regina Eni.

Segundo Regina, a atenção, se tratando de um assunto tão importante, deve ser redobrada em nosso dia a dia. Tudo que consumimos ou vamos pôr em prática deve ser pensado se vai cooperar ou prejudicar o nosso ecossistema. Ela dá dicas aos que querem adquirir essa prática tão importante e a conscientização é a principal delas.

"É extremamente por questão de atenção em tudo. Por exemplo: Você está comprando um alimento, ver a origem desse alimento é essencial! Isto é; como ele foi plantado, como ele foi conduzido".

A biológa também alerta para a questão de água, esclarecendo a necessidade de conscientização quanto ao tempo que se fica no banho. Outra ênfase é quanto aocombustível: "Você pode



issuu-downloader.com

andar a pé, de bicicleta, pode ir de carona com alguém, deixar a necessidade de carro um pouco de lado é essencial. A parte do consumo: Quanto que você gastou consumindo? Será que você consome extremamente o necessário ou compra coisas a mais?"

E os questionamentos de Regina vão além: "você come o que precisa ou você joga no lixo? O que você faz com o seu lixo? Recicla o seu lixo ou faz coleta seletiva? Então, se formos ver, quantos pontos do dia a dia temos de sustentabilidade na nossa própria vida? Tem um ditado que fala: 'Antes de mudar o mundo, dê três voltas na sua cozinha'. Então, comece pensando no que você poderia fazer e aí sim você tem o direito de cobrar dos outros".

E enfatizando a palavra conscientização, é importante lembrar da separação de lixo. A coleta seletiva vem ganhando espaço nas cidades menores do interior de São Paulo. É importante lembrar que essa coleta é de extrema eficácia para que esses materiais usados se tornem produtos novos para consumo.

**Pensando no coletivo**

Igor Moreira, filho do responsável pela Cooperativa de Trabalho dos Recicladores de Ituverava (Cooperar), no interior paulista, relata como é trabalhar nesse meio da reciclagem e o benefício que este procedimento traz tanto para a vida das pessoas, quanto para o planeta Terra.

"Antes da cooperativa se estabelecer em Ituverava, não tinha organização adequada. Hoje, a cooperativa é uma das primeiras no interior de São Paulo a ser bem documentada. O resultado final desses recicláveis são todos destinados para empresas que os reutilizam. Seja vidro, papel ou plástico", explica Igor sobre o seu trabalho.

Para que os produtos descartáveis cheguem à cooperativa é necessário dedicação e preocupação sobre sua cidade. "A ideia de trabalhar com produtos sustentáveis veio de meu pai que, depois de visitar uma cooperativa de sustentabilidade, trouxe essa ideia para nossa cidade".

Igor conta que, no início, ninguém acreditava que a cooperativa fosse para a frente. "Muitas pessoas enxergam quem faz reciclagem como lixeiro".

Na realidade, a cooperativa forma um grupo de pessoas, chamado de coleta seletiva. Eles batem de porta em porta, deixando sacolinhas recicláveis. Após 15 dias, esse grupo bate novamente nas portas em que as sacolas foram deixadas para recolher os objetos recicláveis. "É muita dedicação, pois trabalhamos na triagem deste material É uma organização com líder, que passa a estratégia de comércio e da triagem do material para informar à população sobre o destino deles", conclui Igor.

**Lei de resíduos sólidos, estabelece destinação adequada**

**Um alerta**

A especialista Regina Eni alerta para uma lei importante, que deve ser cumprida o quanto antes. "Existe a lei dos resíduos sólidos. É aquela que você tem todo lixo, todos os resíduos gerados e deve dar um destino adequado ao material. Mas, até agora, muitas firmas não se adaptaram. Deveria ter uma maior fiscalização", finaliza Regina.

# Enquete

## O que você entende por sustentabilidade?

"Sustentabilidade é utilizar com consciência os recursos que temos em nossa disposição no dia a dia, então, poderíamos dizer que é reaproveitar a água de chuva, a energia solar, separação dos lixos e, claro, com o tempo, uma série de outros aspectos. É importante aderir porque é uma questão de responsabilidade, visto que são recursos esgotáveis. Quando utilizamos o processo de reciclagem, estamos evitando o desmatamento e exploração de novos minerais".

**Sérgio Antunes, professor dos cursos de Administração e Ciências Contábeis**

"Sustentabilidade pode ser aplicada em vários recursos. Em questão de economia de alimento, por exemplo. Deve ser aplicada na sociedade brasileira e também em todo o mundo"

**Raiane Soares, estudante de Direito**

"Entendo por sustentabilidade o modo como utilizamos os recursos que a natureza proporciona! Por exemplo, uma indústria que produz madeira, ela pode plantar a madeira que vai utilizar. É um modo de se preservar, primeiramente, diminuindo o desmatamento. Você recicla e gera empregos"

**Fernando Luís da Costa, estudante do curso de Farmácia**

Foto: binhotransportes.com.br



issuu-downloader.com

# A natureza exuberante do bairro rural de **Ponte Alta**

**Gabriel Castro**
*8º período de Jornalismo*

Ao mergulhar na história de um bairro rural em que cresci, sem dúvidas, me recordo das brincadeiras nas tortuosas ruas que cortam esse lugarejo. Minha infância é tudo que eu guardo de bom.

O lugar pacato, com ritmo próprio, contribuiu para meu desenvolvimento e estará para sempre em mim. Muito do que sou, devo a esse tranquilo lugar.

Ponte Alta é o bairro rural localizado a 40 quilômetros da cidade de Uberaba, seguindo pela BR 262, sentido Belo Horizonte. Fica bem próximo da comunidade rural batizada de São Basílio e na divisa com o pequeno município de Conquista.

> "Dona Alaíde conta que o avô, Pedro Joaquim Silveira, chegou à região ainda menino"

O bairro pequeno e cheio de histórias tem belas paisagens e encanta pela geografia. As cachoeiras exuberantes chamam a atenção pela força e beleza e atraem, em especial, os jovens.

São cerca de quatro mil habitantes, alguns deles, muito especiais, como a dona Alaíde Silveira, de 85 anos, neta de um dos fundadores do local.

Dona Alaíde conta que o avô, Pedro Joaquim silveira, chegou à região ainda menino. O pai havia comprado uma propriedade rural na localidade, juntamente com os irmãos, todos agropecuaristas. Viviam do gado e da lavouras, como são chamadas por aqui as plantações. Naquele tempo, não havia outros moradores, mas já havia o nome Ponte Alta.

Aliás, há duas versões para esta denominação. Uma é pela proximidade de um córrego local que passa sob uma ponte bem alta e a outra seria em função de um conde, conhecido como Barão de Ponte Alta, que havia cruzado a região.

Em meados de 1950, o solo rico em minérios chamou a atenção dos investidores. Investiram então na construção de uma fábrica de cimento.

Fotos: Arquivo Pessoal

**O bairro fica a 40 quilômetros da cidade de Uberaba**

Outro morador antigo do local, o senhor Romildo Hilarino, de 81 anos, se recorda daquela época e acompanhou a transformação do bairro com a chegada da Companhia de Cimento Portaland.

Senhor Romildo veio para trabalhar na fábrica e também viu surgir a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro e a Usina dos Macacos. Foi um progresso e tanto.

Atualmente, a fábrica de cimento está desativada. Só o forno opera pela Magnesita para produzir refratarios. Da estrada de ferro não restaram nem os trilho. A Usina dos Macacos, que operava para que a fábrica de cimento fosse auto-suficiente, continua transferindo energia para a nova operadora.

Os tempos são outros em Ponte Alta, mas o bairro rural mantém a simplicidade revelada por dona Alaíde e senhor Romildo e a natureza exuberante continua sendo um espetáculo à parte para quem gosta de estar em paz.



issuu-downloader.com

# As fronteiras do pensamento

Fotos: Jonnathan Raniery

**Dayenne Carvalho**
*2º período de Audiovisual*

A vida está em constante mutação. O que vivemos hoje é diferente de 20 anos atrás e será diferente daqui a 20 anos.

A sociedade tem a necessidade constante de evoluir, mas os maiores desejos ainda parecem ser segurança e liberdade. Tudo ao mesmo tempo.

Mas quando você está seguro, não há liberdade. Quando você é livre, não há segurança.

Não se pode ter tudo?

E o destino?

Parecemos condicionados a fazer juramentos para um futuro, sem sabermos o que esperar dele. O destino abre diferentes caminhos e a escolha será influenciada pelas experiências.

A diferença de cada destino é a realidade a que cada um pertence. Há ainda as oportunidades que lhe cabem. O maior medo, parece ser estar sozinho... Não ter com quem se conectar...

> “O seu mundo é obrigado a conviver com o meu mundo, com outros mundos e aceitá-los

A vida segue. Alguns ficam para trás, outros se superam, se adaptam.

Cada pessoa é um mundo. Gostos. Vontades. Desejos. Amores. Ódios.

Socialmente, o seu mundo é obrigado a conviver com o meu mundo, com outros mundos e a aceitá-los.

**reservado**
**anuncio**
**uniube**



issuu-downloader.com

reservado

issuu-downloader.com